

# **SOBRE OPRESSÃO E VIOLÊNCIA *VERSUS* SOLIDARIEDADE E DIREITO! (UMA LEITURA DE OSEIAS 12,2-11)**

*Suely Xavier dos Santos*

## **Resumo**

*Este artigo abordará o tema da solidariedade e do direito a partir de Oseias 12,2-11, na perspectiva da memória do Gn 32,23-33 para denunciar o pecado do povo em relação à falta de fidelidade com Javé por meio de suas ações. A tradução é ponto de partida para a interpretação do texto que ajuda a compreender como a releitura oseiana, que não passa por uma visão otimista do passado, é pertinente no chamado ao compromisso social. Ao mesmo tempo, procuraremos deslocar a mensagem e o profeta a partir da importância que o Reino do Norte teve no século 8º a.C., bem como a “herança” deixada por Jeroboão II, a despeito das tradições terem sido elaboradas no Sul.*

**Palavras-chave:** *Ḥesed. Mišpaṭ. Reino do Norte. Opressão. Violência.*

## **Abstract**

*This article will address the solidarity and right issues through Hosea 12.2-11 on the perspective of Gn 32,23 memory, to denounce the sins of all people that are not loyal to Yahweh in their actions. The translation is the starting point to the understanding of how the hosean rewrite, that does not have an optimistic view of the past, is relevant in the call to the social commitment. At the same time, we will seek to move the message and the prophet from the importance of the North kingdom had in the 8<sup>th</sup> century B.C. and the “heritage” of Jeroboam II, despite the traditions made in the South.*

**Keywords:** *Ḥesed. Mišpaṭ. Northern Kingdom. Oppression. Violence.*

## Introdução

Nosso olhar em torno do Antigo Testamento sempre teve uma geografia, um lugar: o Reino do Sul, Judá. E esta geografia permeou a pesquisa bíblica com o que estava envolvido neste lugar, histórias de reis, camponeses, sacerdotes, profetas, órfãos, viúvas e outras categorias sociais, sempre com os pés “fincados” no Sul.

Na atualidade, por meio de pesquisas recentes, especialmente com o uso da arqueologia, esta perspectiva tem mudado essencialmente. Certamente os pés continuam no Sul, visto que as formulações e organização dos textos se deram por lá. Mas a arqueologia e outras ciências têm ajudado a ter mais consciência desta geografia e, ao mesmo tempo, têm nos convidado a visitar outros espaços com perspectivas de quem viveu e contou as histórias narradas no Reino do Norte.

A arqueologia, por exemplo, tem descoberto que muito do que se atribuía ao governo davídico-salomônico, na verdade são reminiscências daqueles que construíram as tradições no Sul, e que a grandiosidade de muitas construções atribuídas ao período citado na verdade se encontra na época da monarquia dividida, e ainda no Reino do Norte, especialmente no Reinado de Jeroboão II<sup>1</sup>.

Nesta perspectiva, a releitura das tradições e narrativas bíblicas agora se situam no entorno dos acontecimentos e na recepção destas histórias no Reino do Sul. Isso acontece, por exemplo, com o profetismo, que antes era lido com uma geografia “dicotômica”, Oseias e Amós do Norte<sup>2</sup>, e Isaías e Miqueias do Sul, e os respectivos lugares determinavam também a forma de ler e reler a profecia, mas agora passa pela construção literária “sem-fronteiras”.

Oseias, nosso profeta para este artigo, embora do Norte, teve suas profecias relidas também no Sul em momentos periclitantes da história e, com isso, podemos perceber que os panfletos já existentes serviam para proclamar mensagens de castigo e salvação também para o Sul. Assim como o texto ajudou na própria construção do Pentateuco por meio da Obra Historiográfica Deuteronomista.

Deste modo, a geografia agora não é estática, mas dinâmica e do caminho, neste caso a tradição do caminho faz sentido se pensado na perspectiva da história e da memória que circula entre o povo diante dos seus desafios cotidianos.

Oseias, que situamos no Reino do Norte, profetizou nos “dias de Jeroboão, filho de Joás”, assim nos situa o capítulo 1,1. Contudo, suas releituras pelo Sul se transportaram após 722 a.C., possivelmente até o reinado de Josias e em proces-

1. A respeito das construções atribuídas ao período davídico-salomônico, que tem se descoberto pertencerem a Jeroboão II, ver: Finkelstein e Silberman, 2003, p. 286.

2. Segundo Kessler, “o Reino do Norte é o mais antigo dos dois estados e, segundo sua autocompreensão, seu surgimento se deveu a um duplo impulso por libertação”, e que o autor nos parágrafos subsequentes demonstra como aconteceram as tentativas de levantes ainda no período davídico-salomônico (p. 120).

sos de finalização do texto por volta de 250 a.C. Sobre a perspectiva de elaboração e fechamento do texto, Schwantes afirma o seguinte:

A gente até sabe quem fez o embrulho, quem foi portador da carta. É o pessoal de Judá. Estes são os responsáveis principais para que este livro chegasse a nós. Costumamos chamá-los de “judaítas”. Oseias foi, pois, concluído pelos “judaítas” (2003, p. 11).

E mesmo com esta percepção, de que há um núcleo oseiano relido no Sul, não se pode negar o caráter de denúncia das estruturas vigentes do profeta para o Norte e em seguida para o Sul.

### Oseias e o Norte

O Reino do Norte vivenciou um período de prosperidade que remonta ao período de 800 a.C. em diante (Finkelstein e Silberman, 2003, p. 283). O profeta Oseias proferiu seus oráculos em pleno governo de Jeroboão II (783-743 a.C.), cuja liderança é marcada por duas vertentes importantes para a compreensão da história do Norte desse período: *progresso na agricultura e crescimento populacional* (2003, p. 284). Este dado ajuda a compreender melhor Oseias 12, especialmente a primeira vertente, visto que neste período as regiões montanhosas de Samaria se tornaram celeiros na produção de olivais e vinhas, “o óleo de oliva das regiões montanhosas de Israel podia ser exportado com lucro para a Assíria e embarcado para o Egito, pois esse país e a Assíria não dispunham de boas regiões para o cultivo da oliveira” (Finkelstein e Silberman, 2003, p. 284). Sobre os demais capítulos, Sampaio assevera o seguinte:

Os capítulos 5 e subsequentes descrevem diversos aspectos da crise que começou a se instaurar em Israel, devido a pressões externa vindas da Assíria, alternando o clima positivo da realidade então reinante (...) os acontecimentos próximos ao ano de 724 a.C., data do cerco de Samaria e fim do reino do Norte, são testemunhados nos capítulos finais da profecia (2003, p. 154).

Nestes “capítulos finais” situamos Oseias 12 e seguintes, que propõem uma datação posterior a esse governo próspero.

Sobre a segunda vertente, o *crescimento populacional* descrito por Finkelshtein *et al.*, Faust discutiu a questão da complexidade étnica, ou a dificuldade de se fixar uma etnia única para Israel Norte. Com base nas escavações em que foram descobertas *casas de quatro quartos até um quarto* (que representam estratos sociais diferentes e famílias nucleares, que nem sempre são tratadas na Bíblia), leva esta discussão para “a complexa realidade da sociedade plural que existia dentro da entidade política discutida aqui (o reino de Israel), em que existiam vários gru-

pos étnicos, e diferentes dinâmicas influenciando as relações entre os grupos, nos setores urbano e rural em vales do Norte” (Faust, 2000, p. 23). Além do mais, há uma clara distinção entre os assentamentos urbanos e rurais; enquanto o primeiro grupo convive com as “novidades” e inculturação, o segundo tenta permanecer “puro”, pois, ao mesmo tempo, não possui atração para as áreas urbanizadas e etnicamente plurais<sup>3</sup>.

Com a destruição do Reino do Norte<sup>4</sup>, há o que Finkelstein e Silberman denominam de “assirianização do norte”, que na verdade trata-se da incursão assíria em territórios israelenses e sua demonstração de poder e força por meio da deportação dos samaritanos e “o sistemático reassentamento de outros povoaamentos em territórios desocupados ou recentemente conquistados” (Finkelstein e Silberman, 2003, p. 296). O que demonstra ainda o constante crescimento populacional no Norte e suas conquistas, ainda próximo do fim.

### O texto ou os textos?

Trabalhar com Oseias é tentar reorganizar as palavras e textos que passaram por muitas “mãos”, como salienta Schwantes: “esse livro não vem direto a nós. Não é uma carta endereçada por Oseias a nós. É carta que, de mão em mão, chega até nós. É livro que vem em embrulhos.” (2003, p. 3). Assim nos aponta a construção literária de seu texto: são infinitivos, impessoais, imperativos, construtos, metáforas e texturas que se misturam e desafiam quem deseja se aproximar do texto e observar o modo profético relido e transmitido por aqueles que trabalham no texto final.

A perícopes que abordaremos neste artigo está em Oseias 12,2-11, que pertence a um complexo literário maior que vai de 11 a 14, “a história final de Oseias tem foco particular em Jacó, Moisés e no deserto, tradições das histórias dos ancestrais e do Êxodo” (Yee, 1996, p. 281), e do qual, como visto acima, está no entorno do declínio do Norte e conseqüente destruição de Samaria, em 722 a.C.

Delimitar este texto é mais um desafio encontrado no profeta-escritor e seus leitores. Em 12,1 a perspectiva do anúncio ainda é do pecado que há em Israel e a lealdade de Judá. A abordagem feita a partir de 12,2 retoma tradições do Norte na perspectiva do Sul. Embora as subdivisões internas se destaquem como se fossem independentes, na verdade elas apontam para uma construção interdependente e coesa, pois o fio condutor é a prática dos pecados de Efraim (v. 2-5.9), e

3. Sobre a questão étnica, ver artigo: FAUST, Avrahan. “Ethnic Complexity in Northern Israel During Iron Age II”. In: *Palestine Exploration Quarterly* 132, 2000.

4. Neste período, Teglat-Falasar (734-727) já havia conquistado Damasco. Sobre a questão da destruição de Samaria, ainda está em discussão no âmbito da arqueologia, se o Norte foi destruído por Salmanasar V (727-722) ou Sargom II (722-705) (Kaefér, 2015, p. 93).

o retorno para o deserto com a palavra de Javé por meio da profecia (v. 10-11). A leitura de 12,2-11 está em torno de *‘ašūq*, oprimir da *berit*, aliança estrangeira. A partir do v. 12.12<sup>5</sup>, a despeito da dificuldade de tradução desta unidade, a perspectiva e o assunto mudam: agora não são os pecados e alianças de Israel-Judá com Assíria e Egito, mas os pecados atuais de Israel, como a questão do culto (v. 12), salvação de Javé e retribuição para Jacó (v. 14-15).

## Tradução

<sup>2</sup> *Efraim apascenta o vento e vai atrás dos **primórdios** todo o dia  
mentira e opressão multiplica  
faz aliança com Assur e azeite do Egito é levado.*

<sup>3</sup> *E abre processo Javé para com Judá  
para pedir contas diante de Jacó  
conforme seus caminhos  
conforme suas obras retribuirá para ele.*

<sup>4</sup> *No ventre pegou pelo calcanhar de seu irmão  
e em seu vigor lutou contra Elohim;*

<sup>5</sup> *E lutou contra o mensageiro e prevaleceu,  
chorou e implorou por compadecimento para ele,  
(em) Betel o encontrou e ali falou conosco.*

<sup>6</sup> *E Javé seu Elohim dos Exércitos Javé é lembrança dele;*

<sup>7</sup> *Tu por teu Elohim converte-te,  
solidariedade e direito protege,  
e espera no teu Elohim sempre.*

<sup>8</sup> *Canaã em suas mãos balança de engano, ama extorquir;*

<sup>9</sup> *Falou Efraim: certamente alcancei riqueza  
e encontrei riqueza para mim,  
de todos os meus lucros não encontrará crime que (seja)  
pecado;*

<sup>10</sup> *Mas eu Javé o teu Elohim desde a terra do Egito, ainda te farei habitar em  
tendas como nos dias de encontro festivo.*

<sup>11</sup> *E falarei aos profetas e eu tornarei numerosa a visão  
por meio dos profetas compararei.*

5. “Em Oseias, os pronunciamentos proféticos específicos, quer dizer seus ditos, são ‘fusionados’ em um ‘aparente’ discurso contínuo, em um panfleto, no qual ainda se percebem as subunidades retóricas menores (os tais ditos), mas já amalgamados ou ‘amassados’ conquanto uma sequência retórica mais ou menos temática” (Schwantes, p. 11).

## Estrutura

Este panfleto<sup>6</sup> tem sentido, como visto acima, se lido no conjunto de 11 a 14, que também apontam para o pecado de Efraim e o chamado ao arrependimento. Oseias 12,1 apresenta nitidamente a apropriação de um grupo desta unidade, a qual mostra os erros de Efraim e a fidelidade de Judá; a partir de 12,2, o processo é contra Efraim e Judá; por este motivo o v. 1 pode ser lido em conjunto com outra subunidade, quem sabe 11,11. Em 12,12, a denúncia é contra os pecados atuais de Efraim. Podemos observar no texto de Oseias 12,2-11 a seguinte estrutura:

1. Mentira, opressão e aliança estrangeira – v. 2
2. Javé abre processo contra Judá e Jacó – v. 3-5
3. Javé provedor da *hesed* e da *mišpaṭ* – v. 6-7
4. Na riqueza de Efraim não há transgressão – v. 8-9
5. Do deserto à profecia: indícios de salvação? – v. 10-11

### 1. Mentira, opressão e aliança estrangeira (v. 2)

<sup>2</sup> *Efraim apascenta o vento e vai atrás do leste/oriental/primórdios todo o dia  
mentira e opressão multiplica  
faz aliança com Assur e azeite do Egito é levado.*

Esta subunidade do v. 2 usa a figura de linguagem típica da profecia de Oseias, a expressão “apascentar o vento”, *ro'eh ruah*, destaca a particularidade da profecia. O *vento leste* ocorre, especialmente, na primavera e é um vento arrasador (Wolff, 1984, p. 122); neste conjunto o profeta aponta para os “sopros” (notícias) que vêm do oriente, aqui também pode ser lido Assíria, e suas prováveis consequências: a destruição que vem com a *ruah* do oriente. Em muitos textos do Antigo Testamento, a *ruah* tem sentido positivo, mas adquire na profecia de Oseias uma perspectiva de destruição, sopro que destrói. Apascentar o vento, fazer aliança com a Assíria, é cuidar de estruturas que não têm fundamento e, portanto, se dissipam.

Dois aspectos sobressaem nesta unidade:

*mentira e opressão  
aliança com Assur e azeite do Egito*

Ou seja, a degradação era interna e externa, mentira e opressão para com a população em prol de alianças estrangeiras. Os tratados com Assur são mentiras,

6. Segundo Milton Schwantes, “panfletos são certos conjuntos de literatura profética, podendo ser uma junção de ditos (veja Amós 1,3–2,16 ou 3,1–4,3 etc.) ou composições proféticas discursivas (como Oseias 8 ou Ezequiel 4–5). Em Oseias, as subunidades menores são panfletos. Nos demais profetas este não costuma ser o caso. Lá as subunidades menores são os ditos proféticos” (p. 11).

pois não estão no projeto salvífico de Javé, pois esta aliança, pacto, *berit*, prevê acordos em que há necessidade de opressão para que se leve azeite ao Egito.

Na esteira da denúncia de aliança estrangeira *versus* confiar em Javé, temos também em Isaías, no Reino do Sul, o qual condena a atitude de Acáz em não confiar na aliança com Javé e sim na aliança com a Assíria, e lhe impõe a condição de “crer para permanecer” (7,9).

Assim, a aliança com a Assur é mentira na medida em que o estabelecimento dela já foi feita por Javé com o povo. O azeite usado para firmar tratados, para manutenção do poder e propor comércio com o Egito a fim de estabelecer a “paz” na região, se faz por meio da produção do campesinato e sua espoliação, é opressão.

A condenação do profeta é contundente: “mentira e opressão multiplica”. Segundo Schwantes, o verbo *’aşuq*, oprimir, extorquir “só ocorre no qal e designa sempre um comportamento antissocial, em relação a pessoas e propriedade, a ser interdito e lamentado”, e ainda “por sua vez, refere-se mais a maus-tratos entre humanos” (Schwantes, 2012, p. 108).

Deste modo, a aliança estrangeira tem um preço: trabalho forçado e pagamento de tributos cada vez mais altos. Assur, *ro ’eh ruah*, vento leste, representa um projeto de governo expansionista e violento. Mas, na palavra-mensagem profética, esta aliança será cobrada, e que não deveria ser pago pela população para a manutenção do estado e suas riquezas, mas um acerto de contas a ser realizado com o próprio Javé, que, para isso, “abre um processo”, *rib*. Que relido no Sul também aponta para um período de vassalagem<sup>7</sup> e exploração da comunidade, especialmente os mais pobres.

## 2. Javé abre processo contra Judá e Jacó (v. 3-5)

<sup>3</sup> *E abre processo Javé para com Judá  
para pedir contas diante de Jacó  
conforme seus caminhos  
conforme suas obras retribuirá para ele.*

<sup>4</sup> *No ventre pegou pelo calcanhar de seu irmão  
e em seu vigor lutou contra Elohim;*

<sup>5</sup> *E lutou contra o mensageiro e prevaleceu,  
chorou e implorou por compadecimento para ele,  
Em Betel o encontrou e ali falou conosco.*

7. Sobre os estágios de vassalagens impostos pelos assírios, ver: DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Volumes 2. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 342-343.

Nesta subunidade, v. 3-4, aparece o substantivo *rib*, processo, queixa, descrevendo que há um processo judicial contra Judá<sup>8</sup>, embora, no Aparato Crítico<sup>9</sup>, apareça que provavelmente seja “Israel” o acusado de tal processo.

E assim Javé abre processo, *rib*, contra Judá para pedir contas de Efraim; este modo da profecia se expressar também o temos em Oseias 2,4; 4,1 (o que para Wolff tem sua sentença em 12,3-11); e Miqueias 6,1. Nestes textos de igual modo a “abertura do processo” apresentado por Javé diz respeito às ações do povo e governantes em não “permanecer em Javé”, mas confiar em alianças estrangeiras, ou ritos para se apresentar diante de Javé (Mq 6,1-8).

Em ambos os casos, Oseias e Miqueias, Javé tem uma queixa e a seguir passa a descrever o motivo da abertura de tal processo. No caso de Oseias, Javé quer “exigir contas pelos atos de Jacó”, e passa então a descrever quais são estes atos, a saber: “pegou no calcanhar do seu irmão no ventre; lutou contra Elohim e contra um mensageiro, e ainda prevaleceu”, aqui o texto retoma o relato de Gn 32,23-33, e a tradição de Jacó, tão cara à profecia de Oseias e à teologia do Norte.

O nome de Jacó significa “o que segura pelo calcanhar”, e esse significado o acompanha até a idade adulta (cabe salientar que em 11,1 há a personificação<sup>10</sup> de Israel como um menino) mesmo com a mudança do nome para Israel, ele permanece agindo traiçoeiramente, mas deveria “voltar a reconhecer-se em seu antepassado Jacó. Seu nome se mostra como um impostor que se serve de enganos” (Wolff, 1984, p. 184), para reconhecer seu pecado e assim se arrepender.

Neste sentido, Sicre aponta que Oseias tem um elemento típico em sua pregação que é “a sua visão crítica do passado. Oseias não se compraz no que aconteceu. Não enxerga o passado como uma ‘história de salvação’. Oseias desmistifica a história, os grandes personagens”<sup>11</sup>. Isso é perceptível nesta subunidade, na qual Jacó é apresentado como réu e Javé lhe pede contas de suas obras (v. 3); isto é, sua presunção e soberba desde o nascimento, o que para Samuel Amsler *et alii*

8. Cf. Tânia Mara: “as alusões a Judá, muitas vezes, correspondem a acréscimos posteriores, com intenções de julgamento e salvação de Judá à luz da experiência vivida por Israel”. *Ibidem*, p. 154.

9. Ver FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao Texto Massorético*. Guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. São Paulo: Vida Nova, 2005.

10. A personificação de Israel, conforme 11,1, traz à tona a perspectiva de um Deus que ama seu filho e o chama da escravidão para liberdade. Liberdade esta que os levou a adorar outros deuses, baalins, sacrifícios aos “ídolos talhados”. Por fim, Javé decepçiona-se com seu povo e promulga que eles voltaram ao exílio, para o Egito, para a escravidão (2003, p. 110).

11. SICRE, J.L. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, as mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 256.

denotam que “a crise que os israelitas atravessavam no séc. VIII remontava, em certo sentido, à origem do povo de Iahweh”<sup>12</sup>, a saber, desde o ventre é insolente.

No v. 5, há uma controvérsia no que diz respeito ao fato de Jacó ter vencido o mensageiro; para alguns (Wolf, Sicre, *et alii*), a vitória neste versículo é do mensageiro e não de Jacó, o que não estaria em acordo com Gn 32,23-33. E ainda o final do v. 5 “e ali falou conosco”, a LXX e a Siríaca colocam “falou com ele”, referindo-se à bênção recebida por Jacó após sua luta com o “homem”. Entretanto, “falou conosco” pode ser a releitura de Oseias no episódio de Jacó em Betel, no qual Oseias coloca a palavra de Javé para todos de Israel.

### 3. Javé provedor da *hesed* e da *mišpaṭ* (v. 6-7)

6. E Javé seu Elohim dos Exércitos Javé é memória dele;

7. Tu por teu Elohim converte-te,

*solidariedade e direito protege,*

*e espera no teu Elohim sempre.*

No v. 6 encontra-se o termo *zakar* traduzido por “memória”, que também pode ser lembrança, mostra que Javé ainda estava no meio deles, apesar de seus pecados. É que sua “lembrança” através de seu “nome” permanecia no meio do povo, ainda que de modo arrefecido. Por isso, a chamada para que se volte para Elohim, uma vez que também uma das queixas de Oseias é o culto a Baal e conseqüente idolatria (cf. Os 1–3).

Outro aspecto, que mais uma vez aparece no livro de Oseias, é a questão da *solidariedade*, *hesed* e do direito, *mišpaṭ*. Neste caso, Jacó é chamado a *vigiar*, *observar*, o que significa que esta *solidariedade* não estava ocorrendo e o direito do próximo estava sendo usurpado. Esta solidariedade deve ser mútua entre o povo de Israel, uma vez que o próprio Javé usa sua *hesed* para com eles. A aliança estrangeira exige da população uma excessiva produção de azeite e oliva para manutenção da mesma, e, com isso a *hesed* deixa de fazer parte das relações entre as pessoas e a *mišpaṭ* é torcida.

Para haver uma sociedade baseada na justiça (um dos sustentáculos do trono de Javé, cf. Sl 97,2), a *hesed* e o direito devem ser protegidos. A questão levantada por Oseias é justamente a aliança com políticas estrangeiras que geram a injustiça, bem como a confiança nas riquezas que promovem a instabilidade na sociedade como um todo, pois, enquanto alguns acumulam, outros não têm o que

12. AMSLER, S. *et alii*. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 77.

comer. E essa é a chamada de atenção do profeta: que haja solidariedade entre o povo e seja observado o direito.

Esta fórmula do desejo pela *hesed* também aparece em Os 6,6; Mq 6,8 e Jr 9,23. Segundo Jenni e Westermann, a *hesed* “é uma exigência que está incluída numa chamada à conversão a Deus que deve ser entendida a partir desta conversão, aqui parece que se põe acento na relação dos homens (*sic*) entre si, mas não se pode separar este aspecto do anterior”<sup>13</sup>; isto é, a *hesed* entre os seres humanos deve ser um reflexo da mesma que ocorre de Elohim para com os seres humanos.

E após isso o povo é chamado a confiar, aguardar sempre em Elohim e em sua solidariedade para com eles; afinal eles deveriam proteger a *hesed* (v. 7) dada por Elohim. De fato, o povo de Israel não estava mais ligado a Elohim, mas confiava em Baal e nas políticas externas com Assur e Egito. Por isso a chamada a “sempre esperar aguardar em Elohim” (v. 7).

#### 4. Na riqueza de Efraim não há transgressão (v. 8-9)

<sup>8</sup> *Canaã em suas mãos balança de engano, ama extorquir;*

<sup>9</sup> *Falou Efraim: certamente alcancei riqueza*

*e encontrei riqueza para mim,*

*de todos os meus lucros não encontrará crime*

*que (seja) pecado;*

Nesta subunidade Canaã e Efraim são tidos como sinônimos e comparados com “todo” Israel. O mercado traficante Canaã pratica a extorsão por meio de uma balança falsa. Efraim tornou-se rico e, aparentemente, não há nenhum pecado nessa riqueza, ou seja, seu lucro, embora através do engano, não pode ser provado como obtido por meio da extorsão. Segundo Wolff, “Canaã é, certamente, um comerciante e as cidades fenícias, que comercializavam púrpura, apareciam como modelos do espírito mercantilista. As falsas balanças e a opressão dos demais homens são suas características” (1982, p. 185). Mas em sua defesa, Efraim diz que a prosperidade do reino não encontra transgressão ou engano.

Em algumas traduções o v. 9 aparece da seguinte forma: “mas de todos os seus ganhos nada lhe restará”. Consideram esta parte como consequência dos atos de Israel. Contudo, aparecem duas vezes no v. 9 a preposição “para” mais o sufixo, e a expressão *ly*, “para mim”, e assim denota que a fala até o final seja de

13. JENNI, E. e WESTERMANN, C. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristianidad, 1978, p. 852.

Efraim e não uma consequência do v. 8 e 9a. Isso significa que Efraim estava se defendendo do processo que Javé estava abrindo. Efraim alegava que sua riqueza não provinha da falta da *hesed*, ou da usurpação da *mišpaṭ* que gera injustiça. Tal acusação não poderia ser provada nem a favor nem contra. Mas a prosperidade de Israel demonstra, sob muitos aspectos, que suas riquezas eram obtidas por meio de alianças com Assur e azeite levado ao Egito.

### 5. Do deserto a profecia: indícios de salvação? (v. 10-11)

<sup>10</sup> *Mas eu Javé o teu Elohim desde a terra do Egito,  
ainda te farei habitar em tendas como nos dias de encontro festivo.*

<sup>11</sup> *E falarei aos profetas  
e eu tornarei numerosa a visão  
por meio dos profetas compararei.*

No v. 10, o profeta retoma a perspectiva do Egito, mas agora lembrando que Javé é o Deus que tirou o povo de lá e, de igual modo, ainda fará Israel habitar em tendas. Assim traz à memória o período em que o povo cultivava a dependência de Javé e não de alianças estrangeiras, tempo em que não havia espoliação do pobre ou confiança nos bens adquiridos. A retomada do deserto é um tema recorrente em Oseias (cf. Os 2,16), demonstrando que a saída para a liberdade é o encontro com Deus no deserto.

A menção aos *nebiins* retoma também a tradição do norte e sua relação com a profecia de Javé. O chamado ao arrependimento por meio da profecia e o aumento das visões. O que faz recordar 1Sm 3 onde se diz que no “tempo em que a palavra de Javé era rara, e as visões não eram frequentes”; palavra rara significa “falta das visões”. A expressão *damah*, “compararei”, aponta para a atenção e Javé para com os atos de Jacó-Judá-Efraim-Canaã, como a proposta de conversão pela profecia se faz presente na vida do povo.

### Algumas pistas para a releitura de Oseias

Oseias como dito anteriormente é profeta que desafia em todos os seus aspectos, seja pela complexidade de sua mensagem, seja pelas releituras feitas por Judá, seja pelas mãos que manipularam o texto até a redação final, seja pela complexidade de tradução do texto. O fato é que Oseias aponta descaminhos e caminhos que podem ser encontrados na perspectiva da salvação.

Oseias, um profeta do Norte relido no Sul! Certamente sua destreza com as palavras iniciais provem de sua conjuntura não muito própria para um mediador

da palavra de Javé. Ele no Norte, vivenciando as agruras de um período pré-exílico, com todas as peculiaridades que este processo ocasiona nas pessoas, faz com que a profecia encontre nas palavras um lugar de busca pela guarda da *hesed* e da *mišpat*.

*Suely Xavier dos Santos*

Av. Ministro Osvaldo Aranha, 23, apto. 35-C

Rudge Ramos

São Bernardo do Campo, SP

09626-000

## **Bibliografia**

AHARONI, Yohanan; AVI-YONAH, Michael; RAINEY, Anson F.; SAFRAI, Zeev. *Atlas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

AMSLER, S. *et all. Os profetas e os livros proféticos*. SP: Paulinas, 1992.

CROATTO, José Severino. “La Diosa Asherá en el antiguo Israel, El aporte epigráfico de la arqueología”. In: RIBLA 38. Disponível em: <http://www.claiweb.org/ribla/ribla38/la%20diosa%20ashera.html> – Acesso em: 20/05/2015.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Volumes 1 e 2. S. Leopoldo: Sinodal, 1997.

FAUST, Avrahan. Ethnic Complexity in Northern Israel during Iron Age II. In: *Palestine Exploration Quarterly* 132, 2000.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao Texto Massorético*. Guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartsia. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FILKENSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Ascher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.

JENNI, E. e WESTERMANN, C. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978.

KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.

KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. “Oseias, uma outra profecia”. In: *Ribla*, 36/37. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Paulo/São Leopoldo: Editeo/Oikos, 2012.

SICRE, J.L. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, as mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1992.

WOLFF, Hans Walter. *Oseas hoy: las bodas de la ramera*. Salamanca: Sígueme, 1984.

\_\_\_\_\_. *Hosea: A Commentary on the Book of the Prophet Hosea. A Critical and Commentary on the Bible*. Philadelphia: Fortress Press, 1974.

YEE, G.A., “The Book of Hosea”, in L.E. Keck (gen. ed.), *The New Interpreter’s Bible*. General articles and introduction, commentary, and reflections for each book of the Bible including the apocryphal /deuterocanonical books. Vol. 7: Nashville: Abingdon Press, 1996, p. 281.

ZVI, Ehud Ben. *Hosea*. FOTL 21A. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2005.